

PARA A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL NEOPOSITIVISMO*

G. Lukács

1. Naturalmente não se trata aqui de tentar descrever, nem mesmo de modo indicativo, esta crise variada e multiforme. Desde logo suas causas sociais apresentam-se como extremamente divergentes e ainda que fosse possível descobrir uma origem unitária sob essa heterogeneidade de superfície, mesmo assim não se suprimiria a especificidade e a autonomia – certamente relativa, mas extremamente importante nesta relatividade – das diferentes esferas. Neste contexto podemos apenas enumerar os componentes externos e internos mais fundamentais desta crise, em última análise contraditoriamente unitária em sua essência filosófica, sem poder examinar detalhadamente, em uma análise singular, qual o componente que em cada caso parece reivindicar legitimamente para si o caráter de momento predominante. Naturalmente, figuram aqui em primeiro plano as duas Guerras Mundiais, a Revolução Russa de 1917, o fascismo, o desenvolvimento do stalinismo na União Soviética, a Guerra Fria e o período do terror atômico. Seria porém uma unilateralidade inadmissível omitir, neste contexto, que a economia do capitalismo experimentou importantes transformações neste período, em parte devido a um crescimento qualitativo significativo no domínio da natureza e, em estreita correlação com este último, a um aumento inimaginável da produtividade do trabalho; e em parte devido a novas formas de organização destinadas não só a aperfeiçoar a produção, mas também a regular capitalisticamente o consumo. De fato, não se deve ignorar que a completa absorção da indústria de meios de consumo (e dos chamados serviços) pelo capital é um resultado dos três últimos quartos de século, e da qual se deriva a necessidade econômica de uma manipulação do mercado cada vez mais refinada, desconhecida tanto na época do livre comércio quanto no início do capitalismo monopolista. Paralelamente a isso – no fascismo e na luta contra ele – emergem novos métodos de manipulação da vida política e social que intervieram profundamente na vida individual e – numa fértil interação com a já mencionada manipulação econômica – apoderaram-se de setores cada vez mais amplos da vida. (O próprio estranhamento, como fenômeno social, é certamente muito mais antigo; mas com a situação ora descrita ele é transformado em problema cotidiano popular para círculos cada vez mais amplos). A moderna sociologia ocidental desenvolve-se sempre decisivamente na linha de uma teoria geral da manipulação socialmente consciente das massas. Há trinta anos Karl Mannheim já tentara elaborar um método científico com este objetivo; é significativo que ele considerasse como elementos estruturais dessa nova ciência o pragmatismo, o behaviorismo e a psicologia do inconsciente [Tiefenpsychologie]. É digno de nota que Mannheim, que procurava uma força no mundo democrático que se contrapusesse à influência fascista sobre as massas, assinalasse a afinidade metodológica entre a teoria behaviorista e a práxis fascista¹. Ele recusava, com toda razão, a identificação simplista das duas, mas com tal indicação colocava em evidência a continuidade socioeconômica de certos problemas centrais da vida social, sobretudo a generalidade da manipulação como o “telos” da metodologia científica. Há tempos a manipulação ultrapassou o terreno da experiência e do postulado e hoje exerce seu domínio sobre toda a vida – da práxis econômica à ciência.

2. Como já é visível até aqui, a ciência contemporânea não é mais simplesmente um objeto do irresistível desenvolvimento social no sentido da manipulação generalizada, mas participa

¹ Mannheim, K. *Mensch und Gesellschaft im Zeitalter des Umbaus*, Leiden, 1935, p. 182.

(*) Tradução: Mário Duayer (UFF), da edição alemã *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, Primeira Parte, Capítulo I-1, Neopositivismus. Darmstadt: Luchterhand, 1984. Versão preliminar. Favor não citar sem autorização do tradutor. (mduayer@vm.uff.br)

ativamente de seu aperfeiçoamento, de sua difusão generalizada. Seria falso circunscrever este papel ativo à sociologia e à economia; esta mudança talvez seja mais nítida na teoria e na práxis políticas. De fato, enquanto em meados do século passado, especialmente no liberalismo, difunde-se um amplo ceticismo, ou mesmo um profundo pessimismo, como consequência da “massificação” da vida política e social (Toqueville, J. Stuart Mill etc.), emerge nas últimas décadas uma confiança no poder ilimitado da manipulação das massas. As indicações de Mannheim mostram, inclusive, que neste processo cumpriram um papel importante, senão o principal, influentes tendências filosóficas (pragmatismo, behaviorismo). De um ponto de vista filosófico não há nisso nada de surpreendente. O princípio da manipulação já vem implicitamente enunciado na concepção do cardeal Bellarmino, a qual, conforme vimos, dominou por longo período as mais influentes correntes da filosofia burguesa. Se de fato a ciência não se orienta para o conhecimento mais adequado possível da realidade existente em si, se ela não se esforça para descobrir com seus métodos cada vez mais aperfeiçoados estas novas verdades, que são de modo necessário ontologicamente fundadas, e que aprofundam e multiplicam o conhecimento ontológico, então sua atividade se reduz em última análise a sustentar a práxis no sentido imediato. Se a ciência não pode ou, conscientemente, não deseja abandonar este nível, então sua atividade transforma-se numa manipulação dos fatos que interessam aos homens na prática. E é isso mesmo que o cardeal Bellarmino requeria da ciência para salvar a ontologia teológica.

3. O positivismo do início do século já fora muito mais a fundo nesta direção do que as correntes que o haviam precedido. A gnosiologia de Avenarius, por exemplo, excluía completamente a realidade existente em si, ao passo que as grandes revoluções que se iniciavam nas ciências da natureza pareciam oferecer um fundamento à completa exclusão das categorias ontológicas decisivas como, sobretudo, a matéria, da gnosiologia científico-positivista e da metodologia das ciências naturais. A conhecida polêmica de Lênin contra esta concepção está em essência fundada na teoria do conhecimento, mas como toda gnosiologia marxista, em virtude da teoria do espelhamento, tem um fundamento ontológico, Lênin teve que aludir à diversidade filosófica existente entre o conceito ontológico de matéria e o tratamento científico concreto de seus modos de manifestação apreensíveis e, igualmente, à inadmissibilidade do procedimento que, no campo destas novas e fundamentais descobertas, extrai conclusões diretas sobre a própria matéria.² Este desenvolvimento de modo algum é casual. Se a ontologia é negada por princípio ou pelo menos considerada irrelevante para as ciências exatas, a consequência obrigatória é que a realidade existente em si, a sua forma de espelhamento hoje predominante na ciência e as hipóteses daí derivadas – que praticamente se aplicam pelo menos a determinados grupos de fenômenos – são homogeneizadas em uma única e mesmíssima objetividade. (Os pesquisadores que instintivamente refutaram este tipo de nivelamento foram estigmatizados com a denominação de “realistas ingênuos”).

4. Esta concepção impera já no primeiro período do positivismo. As novas descobertas revolucionárias da física (Planck, Lorentz, Einstein etc.) reforçaram ainda mais estas tendências. Representa um passo ulterior nessa direção a matematização crescente da física, que, em si e por si, constitui naturalmente um enorme progresso na metodologia científica, mas que, no quadro de referência positivista, contribui para bloquear ainda mais a relação da física com a realidade existente em si. O início deste desenvolvimento foi igualmente percebido por Lênin. Ele alude à exposição do semi-positivista francês Abel Rey, que escreveu o seguinte sobre esta situação: “As ficções abstratas da matemática de certo modo erigiram uma barreira entre a realidade física e o modo como os matemáticos entendem a ciência desta realidade... A crise da física consiste na

² Lênin, V.I. *Materialismus und Empiriokritizismus*. Saemtliche Werke XIII, Wien-Berlin, 1927, pp. 261-2.

conquista da física pela física matemática... Começou, então, o período da física matemática, vale dizer, da física matemática puramente matemática – física matemática não como ramo da física, mas como ramo da matemática”.³ Logo veremos como este método retornará cada vez com mais força ao centro do positivismo plenamente desenvolvido, o neopositivismo contemporâneo, e como, desse modo, a exigência de Bellarmino à ciência realiza-se com o grau máximo de perfeição até então alcançado.

5. Nicolai Hartmann, que dentre os filósofos de nosso tempo foi aquele que possuía o mais vivo sentido para os problemas ontológicos e que, igualmente, tinha um conhecimento realmente especializado em diversos campos da ciência da natureza (de sua teoria ontológica nos ocuparemos a fundo no próximo capítulo), nas considerações introdutórias a sua ontologia encara este problema de uma forma sutilmente mais diferenciada do que, a seu tempo, o fez Rey. Hartmann escreve: “A exatidão da ciência positiva funda-se no elemento matemático. Mas este, enquanto tal, não constitui as relações cósmicas. Tudo quantitativamente determinado é quantidade de “alguma coisa”. Os substratos da quantidade são também pressupostos em toda determinação matemática. Os próprios substratos, enquanto tais, trate-se de densidade, pressão, trabalho, peso, duração ou extensão, permanecem idênticos na variedade quantitativa, e é necessário conhecê-los antecipadamente de qualquer outro modo quando se deseja compreender o que significam as fórmulas matemáticas, por meio das quais a ciência sintetiza suas relações específicas. Por detrás destas fórmulas, entretanto, há uma série de momentos categoriais fundamentais que, em si mesmos, possuem um evidente caráter de substrato e que se subtraem a toda compreensão quantitativa, porque são os pressupostos das relações quantitativas reais”.⁴ Obviamente, tais fatos tão claramente expostos por Hartmann não poderiam ser ignorados por nenhum físico inteligente. O problema reside, apenas, em como ele se posiciona teoricamente diante deste complexo de fatos. O físico pode, por um lado, indagar criticamente quais as propriedades quantitativas são a cada vez expressas matematicamente, e com o que concretamente se relacionam. Desse modo, estará então em condições de observar e classificar, no interior da necessária homogeneidade metodológica do espelhamento matemático, as diferenças qualitativas da objetividade efetivamente presentes na realidade existente em si. Somente deste modo o espelhamento matemático torna-se o veículo realmente adequado para uma reprodução ideal a mais correta possível da própria efetividade [Wirklichkeit selbst]; isto permite compreender, coisa de outra forma inatingível, o caráter e relação quantitativos, estáticos e dinâmicos, dos objetos e processos, ao passo que, por tal mediação, a objetividade e as relações não quantitativas podem igualmente receber um espelhamento correto se a matemática é adotada criticamente. Em outras palavras, os fenômenos físicos não recebem uma interpretação meramente matemática, sendo antes interpretados nos termos da física com o auxílio da matemática. Planck, no estilo dos grandes físicos antigos, e que pertence ao grupo dos “realistas ingênuos”, oferece um belo exemplo deste método; ele diz o seguinte a propósito do comportamento do quantum de ação elementar: “Esta constante é um novo e misterioso mensageiro proveniente do mundo real, que continuamente impunha sua presença nas mais diversas mensurações e sempre reivindicou obstinadamente um lugar próprio...”⁵

6. A outra possibilidade intelectual consiste em absolutizar de algum modo o meio homogêneo da matemática, de encará-la como a chave última e definitiva de decifração dos fenômenos. É isto o que sucede com o neopositivismo; mediante este método foi-lhe possível prosseguir com o

³ ibid., pp. 311-12

⁴ Hartmann, N. *Zur Grundlegung der Ontologie*, op. cit., p. 7.

⁵ Planck, M. *Wege zur physikalischen Erkenntnis*. Leipzig, 1944. p.186

programa bellarminiano no mais elevado grau até aqui alcançado: a “linguagem” da matemática não é simplesmente o instrumento mais preciso, a mediação mais importante para a interpretação física da efetividade [Wirklichkeit] física (i.e., fisicamente existente, existente em si), mas a expressão “semântica” última, puramente ideal de um fenômeno significativo para o ser humano, e mediante a qual pode ser manipulado praticamente ao infinito. Interrogativas que, para além disto, dirijam-se a uma realidade existente em si, segundo esta teoria, não têm nenhum significado do ponto de vista científico. A ciência relaciona-se com estes fenômenos – ontológicos – de modo completamente neutro. Emprega a expressão semanticamente correta dos fenômenos empiricamente captados sem considerar qualquer concepção “tradicional” sobre o caráter ontológico dos mesmos. Enquanto hipótese, a formulação “mais provável”, matematicamente mais simples, “mais elegante”, exprime tudo aquilo que a ciência necessita, em seu grau respectivo de desenvolvimento, para dominar (manipular) os fatos. A generalização destes conceitos em uma “visão de mundo” está completamente fora do âmbito da ciência.

7. Resulta evidente da exposição até aqui realizada que, desse modo, se ofereceu à religião a mais ampla margem para uma livre interpretação do mundo desde a crise do Renascimento. Se, entretanto, ainda hoje não se consumou uma completa restauração da imagem pré-copernicana do mundo, isto não se deve ao novo método do neopositivismo e aos novos resultados gnosiológicos com ele adquiridos, mas ao próprio desenvolvimento das necessidades religiosas que, pela própria lógica das coisas, não aspiram mais a uma tal *restitutio in integrum*. A ruína da velha imagem geocêntrica do mundo é irremediável; sequer a necessidade religiosa a reivindica diretamente. Contenta-se com um acordo espiritual-científico sobre o fato de que não há mais uma oposição aberta entre a mais avançada ciência natural moderna (em contraste com a dos séculos XVII-XIX) e a posição religiosa diante do mundo. Tudo o que de Demócrito e Epicuro até Darwin foi sustentado, parece, à luz do neopositivismo, cientificamente superado e irrelevante. Como veremos pelo exame mais detalhado da metodologia neopositivista atual e da direção do desenvolvimento das necessidades religiosas contemporâneas, há convergências nas orientações gerais, já que ambas esforçam-se de formas diferentes – em conformidade com as diferenças de seus campos, porém coincidentes em última análise –, no sentido de superar a contradição herdada do passado; assim pode resultar muito fácil para ambas desempenhar uma tarefa social conjunta [gemeinsamer sozialer Auftrag] e sua respectiva realização.

8. Esta conexão essencialíssima aparece imediatamente com seu significado falsificado por completo quando é concebida como direta ou mesmo intencional. Ocorre justamente o oposto. O neopositivismo não leva diretamente em conta as necessidades religiosas, sendo mesmo possível afirmar que sua mais profunda tendência consiste em ignorar por completo tudo aquilo que não pode encontrar expressão adequada na “linguagem” da ciência, por ele semanticamente unificada. Porém, de uma tal regulamentação da linguagem pode ao máximo resultar que uma série de problemas, da qual a filosofia se ocupou até o presente, fique excluída do âmbito desta regulamentação e, desse modo, – desde a ótica neopositivista – deixe de pertencer à série de problemas científicos. Com isso, no entanto, não se emite diretamente opinião nem pró nem contra as necessidades religiosas. Quando, por sua vez, os representantes espirituais das necessidades religiosas referem-se a determinados resultados da filosofia neopositivista, isto não implica necessariamente uma concordância com as intenções desta última, mas tão somente uma utilização de seus resultados.

9. Disso decorre, em primeiro lugar, a negação por princípio que da totalidade das ciências, de suas inter-relações, da complementação recíproca de seus resultados e da generalização dos métodos e aquisições científicas possa surgir um espelhamento correspondente à realidade em si,

uma imagem de mundo. Já o cardeal Bellarmino se opunha que isso fosse exigido das ciências naturais de seu tempo. Naquele tempo a renúncia por parte da ciência em suprir ao menos elementos constitutivos de uma imagem de mundo devia servir na verdade para render inabalada e acima de qualquer dúvida a imagem do mundo bíblico-cristã. O neopositivismo também renuncia voluntariamente a uma visão de mundo, não para ceder lugar a uma outra mas, pelo contrário, no sentido da estrita negação da relação das ciências com a realidade existente em si. Como freqüentemente sucede na história da filosofia, esta tomada de posição não é de todo nova. A precisa separação entre a ontologia bíblico-religiosa e o aperfeiçoamento prático das ciências já fora percebida pelo nominalismo da Idade Média com a teoria da dupla verdade. A semelhança – relativa – de ambas as posições não deve, entretanto, velar suas diferenças qualitativas fundamentais. Ao tempo do nominalismo o domínio da ontologia eclesiástica estava ilimitadamente assegurado, e não só no plano do poder político: a teoria da dupla verdade cumpria a função de garantir neste ambiente social um certo espaço para a livre investigação científica, ainda muito incipiente e metodologicamente pouco evoluída. Hoje as coisas se inverteram. Não existe mais um poder capaz de limitar seriamente o progresso da ciência. Considerando a coisa em abstrato, depende exclusivamente da ciência e da filosofia até onde desejam orientar ontologicamente as conquistas do pensamento, ou negar a cientificidade da ontologia. Quando hoje se torna cada vez mais forte a tendência antiontológica nas mais difundidas filosofias burguesas, isto representa um contraste direto com o nominalismo medieval. Naquela época a ciência mais moderna e a filosofia, ainda que limitadas, uniam-se por iniciativa própria e restringiam, com freqüência, o espaço para a ontologia religiosa. Quando a ciência e a filosofia científica, pela eliminação de toda problemática ontológica de seu âmbito, provocam o renascimento da dupla verdade, a científica e a metafísica (assim define o neopositivismo todo problema ontológico), a religião fica livre para preencher este espaço à vontade e como puder. Assim, a lógica interna da formação conceitual científica e filosófica impulsiona espontaneamente para uma gnosiologia nominalista que, no entanto, compartilha com o nominalismo medieval apenas princípios últimos, mas diferindo dela qualitativamente nas aplicações concretas.

10. Porém, este agudo contraste só existe na superfície imediata. Na realidade nem a religião nem a ciência e a filosofia constituem formações completamente autônomas, dotadas de legalidade própria, de modo que sua metodologia e conteúdo sejam sempre determinados com exclusividade pelo seu automático desenvolvimento. Todas as três possuem simultaneamente um caráter social, não sendo possível que suas posições de finalidade e seus modos de efetivação sejam de todo independentes de cada missão social [sozialen Auftrag] que, nos respectivos períodos, tem sua atividade condicionada pelas aspirações da classe dominante: o influxo de importantes movimentos de oposição sobre a missão social subentende análogos poderes e legalidades sociais. Mas este é meramente o topo ativo das variadíssimas interações dentro do complexo de forças constituído pelas relações humano-sociais (ser social). Em particular, a qualidade singular da autocompreensão do ser humano é decisivamente determinada pelos tipos de atividade que a respectiva estrutura econômica da sociedade promove ou inibe, faculta ou impede etc. Estas condições de ser ontológicas altamente complexas determinam para cada homem singular (no interior de sua classe, nação etc.) o espaço concreto de suas possibilidades de ação e reação. Entretanto, a dinâmica interna da religião, da ciência e da filosofia não opera nesta inter-relação como um meio que obedece passivamente; o passado, os métodos e as necessidades ligados à tradição, os problemas agudos da atualidade, modificam com freqüência a atuação simples e linear da missão social. Mas esta última é, em todo caso, para dizê-lo com Marx, o momento predominante. A dupla necessidade no desenvolvimento da burguesia de, por um lado, valorizar e utilizar ilimitadamente todas as aquisições da ciência na economia, na vida social etc. e, por

outro, de manter historicamente ativa entre as massas uma necessidade religiosa, todavia não exaurida, cria aquele campo de força humano-social do qual se desenvolve aquela missão social [soziale Auftrag] por nós descrita e que deveremos analisar com mais profundidade. Aqui não se pode fazer uma análise compreensiva destas interações, já que nossa atenção está voltada exclusivamente para o problema da ontologia em geral. Pois para cada visão de mundo religiosa, e também para cada ontologia religiosa concreta, a importância não reside meramente no próprio ontológico, mas muito mais naquelas conseqüências prático-morais que nele buscam e encontram sua base, sua realização última. Por esta razão, esta decisiva inter-relação só pode ser analisada no quadro de uma ética científica respectiva; somente ali é possível indagar quais os efeitos práticos que uma determinada ontologia religiosa pode ter e tem na vida cotidiana, na atividade cotidiana dos homens. A simples crença ou descrença em determinados fatos que se apresentam como ontológicos produz necessariamente um quadro muitas vezes incompleto; mas aqui devemos contentar-nos com isso.

11. O positivismo e, sobretudo, o neopositivismo ocupam neste desenvolvimento da filosofia um papel específico na medida em que aparecem com a pretensão de perfeita neutralidade em todas as questões relativas à concepção de mundo, de deixar simplesmente em suspenso todo o ontológico, e de realizar uma filosofia que remove por completo de seu âmbito o complexo problemático referente àquilo que é em si, tomado como pseudoproblema, irrespondível por princípio. Com isso o positivismo e o neopositivismo apossam-se da herança do idealismo subjetivo. Este último, com base em uma orientação gnosiológica, combateu o materialismo filosófico por causa do empenho deste em derivar cada ser da materialidade. (Em que medida era intrinsecamente problemática a ontologia materialista de Marx é uma questão da qual nos ocuparemos inúmeras vezes mas que, neste contexto, é imaterial).^{*} Contra isso o idealismo subjetivo erigiu um singular mundo pensado, diverso para cada um de seus representantes de relevo, no qual a concreticidade, que se apresenta como uma efetividade dada, é em essência concebida como produto da subjetividade cognoscente, enquanto o em-si deve permanecer seja como um fantasma inalcançável, seja como um além mantido abstrato para todo conhecimento. Ainda assim, o em-si existe, ainda que pareça por princípio incognoscível, algo que apenas a fé pode atingir. Kant já mencionara um “escândalo da filosofia” em Berkeley, no qual a existência das coisas fora de nós era admitida meramente pela fé. Sempre subsiste portanto nos idealistas subjetivos uma visão de mundo – muito variada, ou mesmo contraposta – que refuta apenas a “presunção materialista” de explicar o mundo por si mesmo.

12. Tanto desvaneceu o idealismo kantiano no curso do século XIX que surgiu uma corrente idealista no positivismo dirigida não apenas contra o materialismo, mas com a pretensão de criar um meio filosófico que extradita do campo do conhecimento toda visão de mundo, toda ontologia e, igualmente, cria um – pretense – terreno gnosiológico que não seja nem idealista-subjetivo, nem materialista-objetivo e que, justamente nesta neutralidade, pode oferecer garantia de um conhecimento científico puro. Os momentos iniciais desta tendência remontam à Mach, Avenarius, Poincaré etc.. Os denominados elementos do mundo (p. ex., a unidade de sensação e coisa) são declarados um terreno nem objetivo nem subjetivo, do qual esta corrente queria construir uma nova filosofia científica que excluísse toda ontologia. Com isso, é evidente que o distanciamento em relação a Kant punha já de manifesto que a nova filosofia era adversária de toda visão de mundo, inclusive as idealistas, ainda que sua afinidade gnosiológica com o neokantismo tenha sido muitas vezes energicamente acentuada. Ao mesmo tempo, a matematização geral das ciências, que já acentuamos, desenvolveu-se impetuosamente, daí

^{*} NT: nesta passagem a edição italiana refere-se à ontologia pré-marxiana.

resultando uma nova lógica matemática, uma ciência da semântica. O neopositivismo, em particular, recolhe na lógica matemática sua “linguagem” e amplia em muito o terreno neutro de Mach-Avenarius, conferindo-lhe uma aparência de objetividade sem, contudo, romper com o ponto de partida idealista-subjetivo do antigo positivismo – as sensações, os “elementos”. Com isso a polêmica contra a “metafísica” adquire também um novo acento. Carnap assegura de modo expresso que sua filosofia, a teoria da constituição, não se contrapõe ao realismo (i.e., materialismo), ao idealismo (e solipsismo) e ao fenomenalismo, havendo concordância em todos os pontos sobre os quais, em geral, possam ser feitas asserções científicas.⁶ As divergências aparecem somente com a transformação da filosofia em “metafísica”. Deste modo, todo o campo da ontologia, e não apenas a religiosa, é excluído da filosofia científica, qualificado como assunto privado.

13. Resta então a questão sobre quais devem ser as conseqüências filosóficas de uma neutralização tão radical. O neopositivismo consiste sobretudo de uma regulação lingüística para a filosofia científica. A aceitação dos resultados da lógica matemática e da matematização generalizada de todas as ciências é somente uma parte, ainda que extremamente importante, destes esforços. Mas já aqui aflora um problema que indica com clareza que as questões da realidade existente em si não podem, mesmo com este método aparentemente tão exato, ser excluídas das ciências exatas. O próprio Carnap afirma: “Para cada cálculo dado há, em geral, muitas possibilidades diferentes de uma interpretação verdadeira”. Segue-se daí que cada fenômeno, mesmo tendo suas determinações quantitativas expressas matematicamente de maneira tão exata e correta, de modo algum é compreendido em sua efetividade total (em seu ser em si). E isto não simplesmente no sentido filosófico, mas sim no que diz respeito à ciência especializada, mesmo as físicas. Os novos problemas físicos que, por exemplo, receberam interpretações físicas fundamentalmente diversas por Lorentz e, em seguida, por Einstein, podiam ser expressos mediante as mesmas fórmulas matemáticas. A diferença entre as duas interpretações é de caráter físico e não implica alterações nas fórmulas matemáticas, mas relaciona-se com a respectiva diferença de visão sobre o ser em si da efetividade. Carnap não aprofundou este lado do problema, decisivo não só filosoficamente, mas também do ponto de vista científico, físico. Ele continua assim a frase acima referida: “Todavia a situação prática se apresenta de tal modo que para quase todo cálculo é usada uma determinada interpretação, ou uma espécie determinada de interpretação, na grande maioria de suas aplicações práticas”.⁷

14. Sob novas circunstâncias e com nova terminologia, isto em nada difere do que era a seu tempo o convencionalismo, com Poincaré, para a práxis científica: a questão da verdade (aqui física) era deixada de lado como desinteressante; importantes são somente os resultados da prática imediata. Tal avaliação de todas as teorias foi simultaneamente elevada à condição de doutrina e método filosóficos pelo pragmatismo e, posteriormente, aperfeiçoada pelo behaviorismo. Aqui o essencial para nós não é a ligação íntima da teoria com a práxis – já que isto para todo marxista é uma obviedade por demais conhecida -, mas com o estreitamento do conceito de práxis que assim é consumado. Este problema, de decisiva significação para toda a filosofia, só pode ser tratado exaustivamente no capítulo sobre o trabalho; todavia para poder iluminar criticamente a posição do neopositivismo é indispensável, desde logo, introduzir algumas considerações sobre diversos aspectos da práxis, que antecipam as discussões efetivas. Toda práxis orienta-se imediatamente no sentido de alcançar um objetivo concreto determinado.

⁶ Carnap, R. *Der logische Aufbau der Welt*. Hamburg, 1961, pp. 248-9.

⁷ Carnap, R. *Foundations of Logic and mathematics*. In *International Encyclopedia of Unified Science I*. Chicago, 1955, p. 171

Para tanto deve ser conhecida a verdadeira constituição dos objetos que servem de meio para tal posição de finalidade, pertencendo igualmente àquela constituição as relações, as prováveis conseqüências etc.. Por isso a práxis está inseparavelmente ligada ao conhecimento; por isso o trabalho, conforme procuraremos mostrar no capítulo indicado, é a fonte originária, o modelo geral, também da atividade teórica dos homens. Os mal-entendidos começam somente onde aparece a categoria da imediatricidade, se então recebe um exame rigoroso ou é negligenciada. Como todo trabalho é concretamente orientado, orienta-se para uma conexão concreta, limitada, objetiva. Todo conhecimento que seja um pressuposto imprescindível deste trabalho pode, em muitos casos, ser inteiramente realizado, mesmo quando se vale exclusivamente de observações, relações etc., imediatas, o que pode ter como conseqüência – em um nível mais elevado de generalização – o fato de se revelar incompleto, ou até mesmo falso, não correspondente à realidade, sem por isso impedir a efetiva consecução da finalidade concretamente posta ou, pelo menos, sem perturbá-la dentro de certos limites. A história nos mostra uma infinidade de exemplos de como, num contexto restrito, muitos resultados corretos e importantes foram obtidos na prática imediata com falsas teorias. Para citar apenas de passagem o nexos entre o trabalho primitivo e as “teorias” mágicas, cujos efeitos se fizeram sentir profundamente na práxis medieval, recorde-se apenas o sistema ptolomaico que, mesmo após ter se mostrado cientificamente falso, funcionou por longo tempo de maneira quase impecável para finalidades práticas (navegação, calendário etc.).

15. O conhecimento obtido na práxis seguiu, portanto, no curso do desenvolvimento humano, dois caminhos que freqüente e certamente se entrelaçaram: por um lado, os resultados da práxis, corretamente generalizados, integravam-se à totalidade do saber até então obtido, o que se constituía numa força motriz decisiva para o progresso da ciência, para a correção e alargamento verídico da concepção humana do mundo; por outro lado, conhecimentos adquiridos na prática permaneciam em essência circunscritos à direta utilizabilidade na práxis imediata, vale dizer, considerava-se suficiente – para empregar uma expressão moderna – poder manipular determinados complexos objetuais com a ajuda daqueles conhecimentos práticos. As duas tendências comparecem ao mesmo tempo no passado, muitas vezes combinadas, e quanto menos desenvolvida era a ciência, tanto maior devia ser a freqüência com que se enquadravam em falsas teorias gerais, mesmo sem a intenção de manipulação, conhecimentos que funcionavam corretamente na imediatricidade.

16. Primeiro, a manipulação apareceu no positivismo, com o princípio da economia do pensamento etc., como a linha diretiva suprema do conhecimento científico; em aditamento, o pragmatismo, que lhe era contemporâneo e intimamente aparentado, construiu diretamente sua teoria da verdade. James afirma, por exemplo: ““A verdade”, para dizê-lo brevemente, nada mais é do que aquilo que nos conduz adiante na estrada do pensamento, assim como “o justo” é aquilo que nos leva adiante em nossa conduta”.⁸ A matematização da ciência, reiteradas vezes mencionada, com a ambigüidade, também já citada, da interpretação matemático-formal sobre a realidade a que conduzem as fórmulas matemáticas, e a crescente difusão da semântica, que os maiores representantes do positivismo adotam, atuam efetiva, e cada vez mais decisivamente, na direção de elevar a manipulação a método soberano da filosofia científica. A sua recusa a toda e qualquer uma ontologia significa, simultaneamente, a proclamação da superioridade por princípio da manipulação sobre toda tentativa de compreender a efetividade como efetividade. No que se refere ao fundamento metodológico, trata-se aqui de uma tendência geral da época e que, conforme já mostramos, atua também na vida política, econômica e social, mas que no

⁸ James, W. *Pragmatismus*, Leipzig, 1928, p. 140.

positivismo recebeu sua forma mais ostensiva, sua máxima perfeição conceitual. Aquilo que nos níveis menos desenvolvidos da ciência era uma tendência secundária mas inevitável do conhecimento, vale dizer, permanecer sob o direto domínio prático-concreto de um complexo real, independentemente do fato de se a generalização dos conhecimentos praticamente obtidos desembocam em falsas teorias gerais, esta tendência é agora elevada em fundamento da doutrina geral da ciência. E com isso aparece algo de qualitativamente novo. Não se trata mais de saber se cada momento singular da regulação lingüística científica do neopositivismo conduz a resultados práticos imediatos mas, pelo contrário, do fato de que o inteiro sistema do saber é elevado à condição de instrumento de uma manipulabilidade geral de todos os fatos relevantes. Somente desde tal posição torna-se possível rejeitar a reivindicação de que o sistema de conhecimentos constitui uma síntese de nosso saber sobre a realidade existente em si. É evidente que a vanguarda desta concepção dirige-se sobretudo contra a teoria e a práxis da filosofia da natureza desde o Renascimento até o século XIX.

17. Trata-se da forma mais pura que se tem até hoje da gnosiologia fundada sobre si mesma. Durante longo tempo a gnosiologia foi um complemento e um acessório para ontologia: sua finalidade era o conhecimento da realidade existente em si, e por isso a concordância com o objeto era o critério de todo enunciado correto. Somente quando o em-si é considerado teoricamente inabordável a gnosiologia torna-se autônoma, devendo-se classificar os enunciados como corretos ou falsos independentemente de tal correspondência com o objeto: ela se funda unilateralmente sobre a forma do enunciado, sobre o papel produtivo que nela desempenha o sujeito para encontrar os critérios autônomos, imanentes à consciência, do verdadeiro e do falso. Este desenvolvimento culmina no neopositivismo. A gnosiologia transforma-se por inteiro numa técnica de regulação da linguagem, de transformação dos signos semânticos e matemáticos, de tradução de uma “linguagem” em outra. Com isso o elemento matemático impõe cada vez mais que a ênfase seja transferida, exclusiva e crescentemente, para o caráter formalmente não contraditório dos objetos e métodos da transformação, com o que o próprio objeto reduz-se a mero material das possibilidades de transformação.

18. Certamente tal linha não pode ser aplicada com total coerência. Os fatos possuem sua própria lógica – nem sempre formal. Assim, Carnap afirma, improvisada e inesperadamente, que a coisa física existe independente da percepção e que na percepção, na qual é objeto intencional, é apenas reconhecida. Decerto, ele adiciona logo a seguir: “Porém a teoria da constituição não fala esta linguagem, mas é neutra em relação aos enunciados metafísicos.”⁹ Tais concessões são na verdade extremamente raras. Mas quando se lê com atenção os escritos neopositivistas, programa nada agradável, encontram-se passagens que na aparência são – como deseja esta bela terminologia – constitucional, semântica, logicamente etc., derivadas e reguladas lingüisticamente com exatidão, nas quais porém a correção, a falsidade ou a absurdidade dos enunciados mencionados são determinadas exclusivamente desde a realidade existente em si, nas quais estes enunciados são corretos, falsos ou absurdos, conforme correspondam ao objeto – vá lá, intencional – mas de toda forma efetivo. Carnap cita,¹⁰ por exemplo, o parágrafo sobre as funções propositivas do “signo não saturado” “cidade na Alemanha”, e diz que se obtém uma proposição correta quando se a compõe com Hamburgo, ou uma proposição falsa com Paris, ou uma proposição absurda com lua. Tudo muito bem, mas o fundamento determinativo destas

⁹ Carnap, R. *Der logische Aufbau der Welt*, cit., p. 204.

¹⁰ *ibid.*, p. 38

• Nota do trad.: neste trecho parece haver um erro tipográfico no original em alemão, pois se escreve “ungesättigte Zeiten” quando, pelo contexto, fica evidente que o autor se refere à signo, i.e., “Zeichen”, correção que a versão italiana faz sem se referir ao problema no original (no italiano “segno no saturato”). Cabe mencionar também, neste

funções proposicionais não é o *factum brutum* – existente em si – de que Hamburgo efetivamente fica na Alemanha etc., ainda que Carnap cuide em evitar aqui qualquer enunciado “metafísico”?

19. Na verdade, a resposta de rotina do neopositivismo a uma tal objeção será: o fato de que Hamburgo fique na Alemanha, e Paris na França, é um fato empírico e nada tem a ver com “metafísica” (com ontologia). Por isso, se assim se desejar, pode ser manipulado matemática, semanticamente etc., ou traduzido numa “linguagem”, sem com isso tocar no círculo problemático da “metafísica” (da ontologia). O auto-engano de que aqui são vítima o neopositivismo e algumas outras correntes que, com ele, adotam uma orientação exclusivamente gnosiológica, deriva-se do fato de que ignoram por completo a neutralidade ontológica do ser em si em relação às categorias, diferentemente dimensionadas, do universal, do particular e do singular. Os objetos, as relações etc., são em si ou aparecem em um espelhamento independentemente de serem singulares, particulares ou universais. O neopositivismo sujeita-se a este erro não apenas porque desconsidera por completo, como muitas outras correntes modernas, a riqueza categorial legada pela antiga filosofia, riqueza esta que decerto requer revisões, ou porque apenas enriquece a “linguagem” da manipulação com regras técnicas operativas, filosoficamente supérfluas, enquanto degrada a estrutura categorial da efetividade em um pseudo-problema metafísico, mas antes porque o neopositivismo em parte sobrevaloriza, em parte deforma, a participação do sujeito cognoscente na elaboração do espelhamento correto. É indubitável que a participação do sujeito cognoscente no espelhamento do universal no pensamento é considerável: de fato o universal não aparece na realidade existente em si de maneira imediata ou isolada, independente dos objetos e relações singulares, sendo portanto necessário obtê-lo mediante a análise de tais objetos e relações. Isto porém não suprime de modo algum o seu em-si ontológico, mas apenas confere-lhe um caráter específico. Não obstante, é destas circunstâncias que surge a ilusão de que o universal não é nada senão um produto da consciência cognoscente, e não uma categoria objetiva da realidade existente em si. Tal ilusão induz o neopositivismo a classificar o universal como “elemento” da manipulação subjetivista e a ignorar, como “metafísica”, sua objetividade em-si.

20. Com o singular surge uma ilusão inversa: a de sua imediata dadicidade. Também aqui o neopositivismo segue ignorando a história da filosofia, segue desprezando soberbamente todas as aquisições do passado na doutrina das categorias. Passa ao largo da dialética da imediatez e da mediação e, por isso, não compreende que o singular é em si tanto quanto o universal, não sendo menos mediado do que este e que, por essa razão, para conhecer o singular se faz necessária uma atividade mental do sujeito, tal como ocorre com o universal. Isto é muito claro nas percepções mais simples. Basta pensar na célebre anedota de Leibniz que solicita a seus interlocutores que observem e pensem atentamente de modo a induzi-los ao conhecimento de que cada folha de uma planta é uma folha singular. Isto é ainda mais evidente nos casos de singulares complexos como Hamburgo e Paris. Com isso, acentuamos apenas algumas categorias descuradas deste variado processo cognoscitivo; todavia, este breve procedimento indica já claramente que se trata de uma ilusão crer, como quer o neopositivismo, que a dadicidade dos objetos singulares não levanta questões ontológicas. Do ponto de vista da “economia de pensamento” é certamente confortável circunscrever a luta contra a ontologia às questões muito complicadas, que ainda hoje permanecem insolúveis, em especial quando a pretensão de uma explicação ontológica está em aberta contradição com o conhecimento científico, como ocorre, por exemplo, com o vitalismo na biologia. Mas também quando a causalidade ontológica é

mesmo parágrafo, o que parece ser um erro da edição italiana. Onde no original alemão se lê "Aussagefunktion", na versão italiana se diz "funzioni proporzionali" quando, a nosso ver, o correto é funções proposicionais.

substituída pela manipulação por meio da dependência funcional, quando o paralelismo psicofísico é transformado em fundamento da manipulação de um grande complexo objetivo, patenteia-se como o neopositivismo contorna com indiferença todas as autênticas questões do conhecimento para, assim, render plausível a imediata manipulação prática dos problemas.

21. Prescindindo-se destes inevitáveis problemas de detalhe neste belíssimo quadro, deve-se conceder ao neopositivismo o fato de ter levado adiante, e de forma mais coerente do que qualquer outra corrente precedente, a unilateralidade da orientação exclusivamente gnosiológico-teórica e lógica em relação à efetividade. A consequência extraordinária daí resultante consistiu no enorme esforço do neopositivismo, coisa que jamais ocorrera antes dele, em cancelar toda distinção entre a própria efetividade e suas representações nas diversas formas de espelhamento. A gnosiologia imperante, realizada de modo coerente, confunde por princípio tal distinção; as categorias da coisalidade [Gegenständlichkeit], da objetividade etc., que constitui parecem ser igualmente aplicáveis em ambos os campos, sem diferenciação. É claro que, no caso especial em que ambas encontram uma expressão matemática para a mera manipulação, esta diferenciação parece desaparecer por completo; a diferenciação aflora somente quando um problema físico ou biológico deve ser interpretado não apenas em termos matemáticos, mas física ou biologicamente. O caráter reacionário do neopositivismo, num sentido meramente científico, manifesta-se com máxima intensidade no fato de que ele fortalece as tendências, de toda forma hoje existentes, à manipulação formalista, ao fornecer-lhes uma pretensa fundamentação filosófica. A confusão que então se produz é mais grave porquanto inúmeros estudiosos de relevo são contagiados por tal concepção e induzidos a acolher posições cuja contraditoriedade, que às vezes chega à absurdidade, são sustentadas pela autoridade científica de autores justamente célebres, de modo que ninguém tem a coragem do menino de Andersen para proclamar que o rei está nu.

22. Seja-me permitido citar como exemplo um famoso experimento ideal de Einstein, que para nossas considerações apresenta a vantagem de ser retirado diretamente da vida cotidiana, e não da práxis científica, pois neste caso seria feita a fácil objeção por seus defensores de que o crítico nada entende de física. Einstein desejava tornar popular, universalmente compreensível a conexão da geometria com a teoria da relatividade. Seu experimento ideal ilustrativo começa assim: “Iniciemos com a descrição de um mundo no qual vivam apenas seres bidimensionais – e não tridimensionais como no nosso. O cinema já nos habituou a ver seres bidimensionais agindo numa tela bidimensional. Imaginemos agora que estas figuras sombrias [Schattengestalten], vale dizer, os atores sobre a tela, efetivamente existem, que pensam e podem criar uma ciência própria e, ademais, que a tela bidimensional constitui o espaço geométrico. Tais seres não estão na posição de imaginar, de modo plástico,* um mundo tridimensional, assim como nós não podemos formar nenhuma imagem de um mundo quadridimensional. Eles são capazes de curvar uma reta, eles sabem o que é um círculo, mas não podem construir uma esfera, porque para tanto deveriam sair de sua tela bidimensional.”¹¹ Einstein quer usar este experimento ideal, conforme vimos, para ilustrar a relação entre a geometria e a física, para tornar compreensível o fato de que o espaço da física não é euclideo. Por isso ele prossegue em sua exposição: “Nós estamos numa posição semelhante. Podemos curvar e torcer linhas e superfícies, mas nos custa imaginar um mundo tridimensional encurvado e retorcido.”¹²

* NT: N.do trad: a edição italiana traduz "plastisch" por "in forma concreta".

¹¹ Einstein, A. & Infeld, L. *Die Evolution der Physik*, Hamburg, 1956, pp. 149-150.

¹² *ibid.*, p.150.

23. Deve-se enfatizar desde logo que a teoria de Einstein não está aqui em discussão; o presente autor não se sente de modo algum competente para externar uma opinião sobre tal questão. Entretanto, o experimento ideal também não se refere a qualquer problema concreto da física, mas quer apenas tornar compreensível um “ser bidimensional”, porque para nós, seres tridimensionais, nos custa imaginar um espaço não euclideo. Todo leitor do experimento ideal einsteiniano, caso conserve algo de seu senso comum e não se submeta cegamente às concepções da moda de uma autoridade científica justamente reconhecida, deve se dar conta imediatamente de que os seres bidimensionais einsteinianos não são nem seres, nem bidimensionais, mas sim espelhamentos bidimensionais de seres tridimensionais normais e que, em consequência, não se movem num mundo bidimensional, mas que, em lugar disso, agem num mundo tal cuja ação, ambiente, mundo objetivo etc., igualmente nada mais consistem do que espelhamentos bidimensionais de nossa normal efetividade tridimensional. Que esta pode ser espelhada bidimensionalmente e que os homens o percebam precisamente como um espelhamento de nossa efetividade tridimensional, é coisa sabida há longo tempo, desde a invenção do desenho e da pintura, sendo que no cinema tem-se de novo apenas o fato de que também a mobilidade pode ser espelhada de modo análogo, o que, entretanto, em nada altera a questão fundamental quanto à tri- ou bidimensionalidade da efetividade e formas no espelhamento. Os seres bidimensionais einsteinianos não habitam então um mundo bidimensional, nem refletem sobre ele. Pensamentos e sentimentos etc., são decerto representados no cinema, mas são pensamentos e sentimentos de homens tridimensionais num mundo tridimensional. (Apenas quanto à estrita manipulação técnica é o cinema bidimensional; quando, por exemplo, a tela substitui o palco tridimensional, ou quando as películas bidimensionais estão sendo embaladas etc.). A essência do cinema consiste em evocar, com a ajuda de uma projeção bidimensional, a experiência de um mundo tridimensional, o destino de homens tridimensionais neste mundo. Consequentemente, os espelhamentos não podem ter noções próprias, mas apenas espelham as noções que seus modelos tiveram na efetividade. Caso contrário, poder-se-ia dizer seguindo a lógica deste experimento ideal que a Mona Lisa não podia imaginar um mundo tridimensional, mas que a Vênus de Milos poderia fazê-lo. Negá-lo ou afirmá-lo seria igualmente absurdo; o rei deste experimento ideal estava realmente nu.

24. Poder-se-ia retrucar: ainda que tudo quanto dissemos contra o experimento ideal de Einstein seja justo, isso não afeta a essência de seu argumento, qual seja, que a geometria constitui uma parte da física. Por conseguinte, a geometria não é um espelhamento da efetividade, abstraído de forma brilhante e, por isso, infinitamente fecundo para a ciência, e cuja aplicação crítica a física promoveu extraordinariamente e ainda hoje promove, mas, pelo contrário, seus objetos são realmente corpóreos como os da própria física. Sabidamente esta suposição constitui um momento da teoria geral da relatividade. Como pretendemos agora considerar mais de perto, no plano filosófico, as concepções de Einstein a este respeito, desejamos enfatizar uma vez mais que nossas observações de modo algum têm o propósito de questionar se a teoria geral da relatividade, do ponto de vista da física, é correta ou incorreta, quanto mais não seja pela incompetência do autor neste campo. Aqui trata-se exclusivamente – com o auxílio de algumas observações de Einstein – da questão puramente filosófica: a geometria é um espelhamento da efetividade ou os seus objetos e respectivas conexões são partes constitutivas reais da efetividade física, como a dureza, o peso etc.? Pouco após suas considerações supra citadas, Einstein assim se exprime sobre esta questão: “O que significa afirmar que nosso espaço tridimensional é euclideo? Nada mais que todas as proposições corretas, logicamente provadas, da geometria euclidea devem poder ser confirmadas através da experiência prática. Com objetos rígidos ou com raios luminosos podemos construir objetos que se assemelham às figuras idealizadas pela geometria euclidea. Assim, a aresta de uma régua, ou um raio de luz correspondem a uma reta,

a soma dos ângulos de um triângulo construído com hastes delgadas e rígidas é de 180° , e a relação entre os raios de dois círculos concêntricos produzidos com fio delgado e não flexível é igual à relação entre as suas respectivas circunferências. Encarada deste modo a geometria euclídeana torna-se um capítulo, sem dúvida muito simples, da física. Entretanto, podemos imaginar também, neste contexto, a ocorrência de discrepâncias como, por exemplo, a de que a soma dos ângulos internos de um grande triângulo cujas hastes, tidas até então como rígidas, não totaliza mais 180° .¹³

25. Se as expressões claras possuem algum sentido, então Einstein considera a geometria euclídeana uma hipótese, um modelo para o conhecimento dos fenômenos físicos. Sendo suas proposições corretas, logicamente demonstradas, então devem admitir sua comprovação por intermédio da experiência prática. Antes de qualquer coisa, as hipóteses da geometria de modo algum podem ser demonstradas logicamente. De nenhuma lógica do mundo poder-se-ia obter a proposição de que a circunferência do círculo é igual a $2\pi r$. Por outro lado, tais proposições não precisam ser comprovadas na efetividade física. Pelo contrário, a geometria espelha uma efetividade reduzida à pura espacialidade e, portanto, homogeneizada, investigando neste, meio homogêneo, conexões legais de configurações puramente espaciais. Esta homogeneização verifica-se já no fato de que as dimensões do espaço adquirem deste modo um puro ser para si, enquanto na efetividade física é impossível, por princípio, obter tais coisas. Uma linha, por exemplo, tem apenas uma dimensão, uma superfície somente duas etc. Isto é algo que não pode existir na efetividade física objetiva; no espelhamento torna-se uma abstração razoável, e sua razoabilidade revela-se precisamente no fato de que prescinde por completo das qualidades e relações, reais e objetivas, das coisas efetivas. Por mais delgado que possa ter sido feito o círculo einsteiniano, ainda assim o fio teria três dimensões, e não somente uma como a linha geométrica.

26. Esta razoável homogeneização no espelhamento geométrico permite então um alto grau de matematização das relações espaciais assim descobertas, uma racionalização expressa em termos matemáticos de conexões puramente espaciais, que jamais poderiam ter sido obtidas por meio da mera observação etc., das próprias coisas. E como falamos aqui de matematização, devemos acrescentar de imediato que também a matemática, obviamente, baseia-se no correto espelhamento do caráter quantitativo das coisas e relações na efetividade. Quando falamos, para nos limitarmos ao mais elementar, de 40 pessoas ou de 50 árvores, os nossos pensamentos espelham o puramente quantitativo dos objetos, o número de exemplares presentes em tal grupo de objetos, prescindindo de qualquer outro caráter qualitativo. Em nosso exemplo, este último está presente sob a forma de um resto abstrato, na medida em que falamos de homens e árvores. Se daqui desejamos prosseguir até a mais simples das operações matemáticas, a adição, devemos eliminar também este resto qualitativo, ou então substituí-lo por uma abstração que suprima ainda mais as qualidades. Podemos dizer, então, que 40 seres vivos somados com 50 seres vivos perfazem 90 seres vivos. O desenvolvimento homogeneizante da matemática confirmou brilhantemente a correção e a fecundidade desta abstração homogeneizante e ajudou a sondar conexões quantitativas da efetividade de extrema complexidade, coisa que não teria sido possível por via direta. Desse modo, repetimos, sobre a base do espelhamento abstrativo-homogeneizante foi possível também a matematização das puras, e geometricamente espelhadas, relações espaciais.

27. Todos estes triunfos das abstrações razoáveis não alteram em nada o fato ontológico fundamental de que tanto a geometria quanto a matemática constituem espelhamentos, e não

¹³ *ibid.*, p. 151.

partes, ou “elementos” etc., da efetividade física. Porque espelham momentos importantes e fundamentais, respectivamente puras relações espaciais e puras relações quantitativas, a geometria e a matemática são excelentes instrumentos para conhecer toda efetividade cuja essência consiste de relações espaciais ou quantitativas. Mas a despeito de todos estes brilhantes resultados não se deve esquecer a verdade, muito simples, de que tais formas de espelhamento podem espelhar somente determinados momentos da efetividade, enquanto a realidade existente em si possui uma infinidade de outros componentes.

28. O próprio Carnap, conforme vimos, deve confessar que as fórmulas matemáticas relativas a um setor da efetividade permitem uma multiplicidade de possíveis interpretações físicas. Aquilo que é efetivo num fenômeno efetivo pode ser pesquisado somente mediante o espelhamento e a análise da totalidade dos momentos. E em uma tal análise – desde que se trate de inquirir o caráter da efetividade e não de sua mera manipulação –, a filosofia pode com razão exigir que a ciência distinga entre a própria efetividade e seus espelhamentos usados com finalidade cognoscitiva. Estas considerações não pretendem igualmente afirmar o que quer que seja sobre a teoria física de Einstein. Sustentam apenas que o seu experimento ideal não agrega nenhuma prova filosófica em favor da tese segundo a qual a geometria é um “capítulo da física”. Parece-nos muito mais que, neste particular, o importante físico fez uma concessão à teoria da manipulação do neopositivismo, favorecendo com sua autoridade a tendência fundamental deste último em fazer desaparecer da ciência a efetividade. E desde este ponto de vista, as considerações sobre os homens bidimensionais do cinema não se apresentam apenas como uma casual falsa colocação [Zungenschlag], mas como um sintoma da confusa influência do método da manipulação geral do neopositivismo sobre todo o pensamento contemporâneo.

29. Confusões análogas sobre fatos filosoficamente importantes e ofuscamentos de questões filosóficas fundamentais poderiam ser observadas em quase todas as tomadas de posição do neopositivismo. É característica essencial da manipulação como método universal do neopositivismo eliminar por inteiro tais questões – sob o título de “metafísica” – da ciência, para que assim nenhuma reflexão sobre reais problemas da efetividade perturbe ou mesmo impeça o funcionamento ilimitado do aparato manipulatório. Basta recordar o já citado tratamento conferido ao chamado paralelismo psicofísico. Neste particular, a resposta efetiva a uma das mais importantes questões da vida organizada superior é descartada como não científica, toda busca de prioridades efetivas, sobre interações efetivas etc., é difamada como “metafísica”, para elevar a fácil e confortável manipulação de resultados isolados ao grau de exclusiva unidade científica admissível. Quanto aos detalhes, impera o princípio do todo.

30. É interessante e significativo que o problema da unicidade da ciência seja hoje levantado com máxima ênfase pelo neopositivismo. E não subsiste qualquer dúvida de que há algo de legítimo nesta exigência. A diferenciação das pesquisas singulares cresce desmesuradamente e vai tão longe que, às vezes, mesmo eruditos de grande capacidade não mais entendem a “linguagem” de áreas limítrofes. E esta situação parece ainda mais grotesca e intolerável, porquanto precisamente a pesquisa científica da efetividade, simultaneamente à especialização, rompe cada vez mais com as fronteiras das disciplinas acadêmicas, iluminando mais e mais suas ricas ligações, interações etc. Por esta razão, a efetiva exigência que hoje se põe é retornar à realidade existente em si, indiferentemente de onde e como seus grupos de fenômenos isolados são academicamente classificados. Poderia e deveria resultar daí um novo tipo de universalidade na ciência: a da multilateralidade intensiva e concreta na compreensão dos fatos singulares concretos. Algumas tentativas nesta direção já existem hoje, entretanto sob a condição do afastamento da realidade, do verdadeiro ser em si dos fatos concretos em questão. Fosse esta realidade compreendida de

modo correto, as fronteiras artificiais erigidas pelo espelhamento baseado na divisão do trabalho não poderiam constituir-se num impedimento para o progresso do conhecimento. Tais tendências já existem na atualidade; todavia, em geral nascem de modo espontâneo, sem que se tome consciência de que a clara visão ontológica do complexo em questão proporcionaria a bússola mais segura para a orientação sobre quais devem ser as interações, combinações etc.

31. No caso destas questões os neopositivistas apresentam, igualmente, um programa apropriado para produzir e fixar confusões dificilmente destrincháveis, efeito tanto maior quanto mais influente se torna o programa. Nos artigos programáticos de uma enciclopédia publicada nos EUA apresentam a exigência de uma ciência unitária. Neste caso, os neopositivistas invocam Leibniz e os enciclopedistas franceses do século XIX, mas sem levar seriamente em conta que o ponto de partida destas tentativas iniciais, por isso prematuras, de unificação da pesquisa científica e de síntese de seus resultados era diametralmente contraposto ao deles: qual seja, a convicção sobre a unidade do mundo existente em si, sobre a unicidade de suas leis, unidade que, portanto, pode e deve receber sua imagem consciente numa ciência unitária. A proposta neopositivista de uma ciência unitária e de uma enciclopédia unitária – esta última como uma espécie de realização a prazo da primeira – deriva-se de pressupostos diretamente contrários. Carnap afirmou: “A questão da unidade da ciência é concebida como um problema da lógica da ciência, não de ontologia. Nós não perguntamos: “o mundo é uno? Todos os eventos são elementos de um mesmo gênero?” ... de todo modo parece duvidoso que pudéssemos encontrar um conteúdo teórico em tais questões filosóficas, discutidas no monismo, no dualismo e no pluralismo. Em todo caso, quando perguntamos se existe uma unidade na ciência, entendemos esta como uma questão da lógica, relativa à afinidade lógica entre as terminologias e as leis dos diversos ramos da ciência.”¹⁴ A demanda pela unitariedade da ciência significa portanto uma manipulabilidade unitária da totalidade do material cognoscitivo, independentemente de como a própria efetividade se constitui, como se não existisse no plano do ser (ontológico) estrutura e dinâmica próprias e, por conseqüência, com legalidades próprias.

32. A rejeição desta anti-realística – que se diz puramente neutra – unitariedade da manipulabilidade daquelas proposições, nas quais nosso saber é conservado e concentrado, não significa naturalmente adotar um posicionamento contrário a toda construção unitária do conhecimento científico. Pelo contrário. Toda autêntica filosofia aspirou pelo menos compreender num plano geral os princípios de uma tal unidade. Desde Hegel, entretanto, não se deve falar nem de uma unidade absoluta, que exclua diferenciações últimas, nem de oposições absolutas, de heterogeneidades incondicionais e desvinculadas [übergangslosen]. Em sentido filosófico a unidade consiste, na verdade, de uma unidade de unidade e diferença. Esta unidade dialética, porém, somente pode ser encontrada na própria efetividade. Somente quando conseguimos descobrir na própria efetividade os princípios da estrutura e da dinâmica de uma tal unidade da unidade e da diferença e a elevá-la à consciência, só então é possível nascer uma unidade do conhecimento científico do mundo; a unidade subsiste embora não violenta em parte alguma as diferenças de estrutura e de dinâmica. Somente, portanto, – para concretizar um pouco mais nosso pensamento – quando se torna possível afirmar o ser inorgânico como o fundamento de todo outro ser, sem com isso destruir no pensamento o caráter específico do ser orgânico e do ser social [...des Seins in Leben und Gesellschaft], quando, simultaneamente, a diversidade dos modos de ser for concebida em sua incindível associação e diferenças qualitativas, só então pode surgir uma ciência internamente unitária. A tentativa dos antigos materialistas, com o seu

¹⁴ Carnap, R. *Logical foundations of the science Unity*, in *International Encyclopedia of Unified Science*, op. cit., p. 49.

monismo mecanicista, tinha de fracassar, e devem fracassar ainda mais aquelas teorias que, como o vitalismo, a ciência do espírito [Geisteswissenschaft] etc., absolutizaram os diferentes modos de ser em sua diversidade.

33. O neopositivismo, como vimos, deseja resolver esta questão pela exclusão de toda ontologia, pela simples unidade da “linguagem” científica, e pelo seu tipo de manipulação logicista. Desse modo, todas as formas específicas de ser devem perder sua particularidade interna, devendo ser tratadas segundo o modelo – conforme a interpretação neopositivista – da física moderna. Na superfície imediata pode surgir a impressão de que se trata de uma repetição modernizada da antiga idéia – mecânico-materialista – de reconduzir à legalidade da mecânica no mundo físico todos os fenômenos cientificamente compreensíveis do universo. A evidência da primeira impressão cresce mais ainda com o extraordinário progresso que, neste intervalo, teve o método matemático na compreensão da legalidade do mundo. Basta recordar os resultados da biofísica e da bioquímica, o emprego freqüentemente bem sucedido do método matemático no campo da economia etc. Com isso, o método unificante, que no materialismo mecanicista fracassou diante das diferenças qualitativas existentes em si dos diversos dos modos do ser, parece ter-se tornado efetível a um nível mais elevado mediante a matematização generalizada, mediante a “linguagem” científica semanticamente unificada. Mas se trata aqui apenas de uma aparência. A diversidade ontológica dos modos do ser só pode ser eliminada do aparato conceitual da ciência por meio de um nivelamento homogeneizante que violenta a particularidade efetiva. “*Naturam expellas furca, tamen usque recurret*”. Por mais que ambas as tentativas de unificação sejam contrapostas, fracassaram diante da mesmíssima resistência, qual seja, a da realidade existente em si, cuja autêntica constituição resiste tanto à violentação grosseira como à refinada. Isto se manifesta de imediato nas insolúveis contradições que sempre emergem dos enunciados unificadores, programaticamente dirigidos, e tais contradições, que atingem diretamente o centro do programa, precisamente o aspecto prático-realpolítico, expulsam o antiontológico para o reino da utopia.

34. Atualmente pode-se dispensar, sob este ponto de vista, a crítica ao materialismo mecanicista. Quanto ao neopositivismo, herdeiro do pragmatismo, a resistência da efetividade exhibe-se na inexequibilidade prática do programa, na inevitabilidade – pragmática – de seu fracasso. Sem dúvida, esta falha nem sempre é admitida. Carnap na verdade se ofenderia se comparado com o metafísico Fichte, mas suas interpretações lembram incontestavelmente o fichteniano “tanto pior para os fatos”. Também aqui a contraposição não deve ser omitida: Fichte pronunciou abertamente estas palavras com um *pathos* animado pela Revolução Francesa, na esperança de uma renovação revolucionária do pensamento, Carnap a pronuncia com a confiança representativa do *manager* que, seguro pelos sucessos anteriores, insiste em dominar futuramente todo o mercado, hoje apenas parcialmente manipulado. O instrumento mágico para tanto é a unidade da “linguagem” científica, dito concretamente, a possibilidade de traduzir enunciados de um setor na terminologia de outro, na qual a física matemática deve servir de modelo para toda ciência. (Daí o termo “fiscalismo”.) De fato, Carnap afirmava que todos os enunciados da biologia poderiam ser “traduzidos” sem mais na “linguagem” da física – e assim é demonstrada sobre este ponto a existência da ciência unitária. “De acordo com nossas considerações anteriores, uma lei biológica contém somente termos que são redutíveis a termos físicos.”¹⁵ Certamente Carnap deve acrescentar de imediato que isso ainda não soluciona satisfatoriamente o problema. Ele indica o número crescente de leis biológicas que podem ser derivadas das leis da

¹⁵ *ibid.*, p. 60.

física e daí conclui, com toda razão, que a contribuição da física e da química tem de constituir uma fecunda tendência da pesquisa biológica.

35. Com o que, porém, o problema da biologia nem sequer é formulado, quanto mais resolvido. Porque Carnap e todos os neopositivistas, como vimos, não se interessam pela interpretação físico-real dos enunciados físico-matemáticos, remetendo a resolução disto para a convenção científica, resulta óbvio que de modo algum lhe interessa a interpretação biológica dos fenômenos biológicos que podem ser expressos por meio de uma fórmula físico-matemática (a química incluída). Assim, um outro colaborador da mesmíssima enciclopédia, Félix Mainx, declara francamente que toda biologia geral é supérflua num plano científico; ela possuiria apenas um significado pedagógico, mas não constituiria um campo próprio de pesquisa.¹⁶ Aqui os neopositivistas colocam-se numa confortável posição, na medida em que simplesmente identificam o campo problemático da biologia geral com teorias cientificamente comprometidas e liquidadas como o vitalismo. Porém, com uma polêmica tão barata não pode este problema ser expelido da ciência, podendo quando muito ser contornado, e sempre em prejuízo da biologia como ciência da vida. De fato, a despeito dos enormes resultados da pesquisa singular, permanece sem o devido esclarecimento a questão central da vida – refiro-me aqui apenas à problemática científica da reprodução ontogenética e filogenética, e não à ontológica -, porém ninguém pode negar que se trata de uma questão efetiva. Todos os resultados singulares que têm de ser obtidos, freqüente e fecundamente, por intermédio da biofísica e da bioquímica, servem em última análise ao conhecimento do que a vida é em si, do que ela tem em comum com outras formas de ser, e qual é o elemento específico distintivo de seu ser. Que teorias como o vitalismo deram respostas completamente falsas a tais questões é um lugar comum: mas o fato de que não tenham até hoje encontrado uma solução adequada, de modo algum confere ao neopositivismo o direito de eliminá-las da ciência.

36. O desenvolvimento do pensamento mostra – e retomaremos estas considerações com freqüência – que as questões ontológicas afloram muito antes da possibilidade de serem respondidas cientificamente, que tal desenvolvimento elimina passo a passo as falsas concepções para substituí-las por outras mais corretas, e que com isso surge uma ininterrupta interação com a ciência. Mas é uma especialidade de nosso tempo a decidida radicalidade com a qual procura separar a ciência da efetividade. Quanto mais isto costuma ser feito em nome da “pureza” da ciência, mais a prejudica. Pois o nosso saber tem de se confrontar com estes fatos reais, e não está escrito em nenhum lugar que um pressuposto ou resposta ontológica tem de ser necessariamente confusa ou reacionária como a vitalista. Um físico importante como Schrödinger, por exemplo, procurou responder à questão ontológica fundamental da biologia – a essência da vida – trabalhando com a hipótese de que a inversão da entropia é o fundamento da vida.¹⁷ Naturalmente, não há aqui a intenção de tomarmos partido a favor ou contra a hipótese de Schrödinger. Nós a mencionamos apenas porque ela mostra como é possível encontrar, sem o abandono do terreno da cientificidade controlável, e até mesmo eventualmente com o auxílio de categorias físicas (ou químicas), uma solução para a especificidade da essência da vida, que conceitualize tanto sua continuada conexão com a efetividade inorgânica, como sua particularidade em relação a esta última. A eliminação de tais problemas por meio do título “metafísica” leva portanto ao estreitamento e a desfiguração da biologia como ciência.

¹⁶ Mainx, F. *Foundations of Biology*, in *International Encyclopedia of United Science*, cit., II, p. 626.

¹⁷ Schrödinger, E. *Was ist Leben?* Bern, 1946, p. 112.

37. Naturalmente não se pode aqui lidar de maneira pormenorizada com tais questões. Desejamos apenas mencionar mais uma vez uma categoria da efetividade, já aludida em outro contexto, a singularidade. Que a singularidade, em razão do processo de reprodução ontogenético, cumpre na esfera da vida um papel muito mais destacado do que na efetividade inorgânica é de tal maneira evidente, que a própria regulação lingüística do neopositivismo não pode contorná-la. Félix Mainx, por nós já citado, fala da multiplicidade descontínua dos animais e plantas, razão pela qual estes não puderam ser classificados de uma maneira meramente quantitativa, tal como, por exemplo, os elementos químicos com Mendeleev, e que por isso, ao contrário do que ocorre no caso dos elementos químicos, para os animais e plantas é impossível fazer previsões sobre formas ainda desconhecidas. Abstraindo-se do nivelamento aqui envolvido – admissível só para fins manipulatórios – de elementos simples com organismos muitas vezes altamente complexos, pelo menos se reconhece um lado do complexo, mas não ocorre aos neopositivistas extrair destes fatos, forçosamente reconhecidos, conseqüências metodológicas sobre a diversidade das formas do ser, da qual provém aquela diversidade. Além disso, a maior importância da categoria da singularidade manifesta-se também na interpretação teórica de questões biológicas eminentemente práticas. Basta pensar na ciência da medicina. Seu objeto é sempre inevitavelmente um paciente singular. Ainda que fosse possível investigar e identificar todos os sintomas de seu estado de saúde por meio de mensurações quantitativas, possibilidade da qual ainda estamos distantes, mesmo assim o decisivo para a correção do diagnóstico e do tratamento continua sendo em última análise a específica constituição do singular. O ideal neopositivista, hoje sempre reafirmado, de substituir por uma máquina cibernética, considerando o número crescente e a precisão das pesquisas de detalhe quantificáveis, o diagnóstico pessoal do médico que, evidentemente, deve estudar e avaliar com cuidado aquelas pesquisas, revela em termos caricaturais a peculiaridade metodológica do neopositivismo. Por um lado, a singularidade do paciente é desprezada consciente e metodologicamente; por outro, como já assinalamos, menospreza-se a interpretação biológica dos nexos singulares, quantitativamente fixados, em favor do emprego exclusivo da “linguagem” quantitativa em comum. Não é necessário ser médico para saber que todas as pesquisas quantitativas, seja cardiogramas, mensurações do número de glóbulos no sangue, da pressão arterial etc., devem ser interpretadas biologicamente, quer dizer, individualmente baseadas na personalidade, na história da doença etc., do paciente singular a fim de que se possa estabelecer um diagnóstico correto. (O fato de haver desenvolvimentos típicos etc., não altera em nada esta decisiva importância da categoria da singularidade).

38. Mais grosseira ainda se apresenta a unidade neopositivista da manipulação científica quando o homem, as relações humanas são o objeto da pesquisa. Aqui – pela omissão dos resultados efetivos das ciências sociais, sobretudo da Economia – a estrada não conduz apenas na direção da reinterpretação, da inadmissível simplificação dos métodos e resultados científicos efetivos, mas liga-se diretamente à moderna filosofia da manipulação. Carnap, em artigo por nós já citado, distingue o individual e o social de maneira meramente behaviorista. Enquanto na psicologia ele discute ainda algumas dificuldades de classificação, parece-lhe que a situação nas ciências sociais não carece nem de uma análise pormenorizada: “Cada termo deste campo é redutível aos termos de outros campos. O resultado de toda pesquisa sobre um grupo de homens ou outros organismos podem ser descritos nos termos de seus membros, de suas relações recíprocas e com o meio ambiente. Em seguida podem-se formular as condições para o emprego de qualquer termo nos termos da psicologia, da biologia e da física – incluída a linguagem-objeto. Muitos termos podem ser definidos sobre esta base, podendo o resto ser certamente reduzido a ela.”¹⁸ Carnap admite

¹⁸ Carnap, R. *Logical Foundation of the science Unity*, op. cit., p. 59

mesmo “que, atualmente, psicologia e ciência social não podem ser derivadas da biologia e da física. De outra parte, não há qualquer razão científica para admitir que uma tal derivação seria por princípio e em definitivo impossível.”¹⁹

39. Tal dogmatismo da manipulação universal é francamente desarmante. Por isso não daremos seguimento à polêmica com as proposições de Carnap. Para muitos estas se eliminam por si próprias. Outros leitores devemos remeter para o conjunto das considerações que se seguem, as quais, sem constituírem uma crítica explícita às posições neopositivistas, contêm implícita porém sua refutação.

¹⁹ *ibid.*, p. 61.